



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

Rute Cunha de Farias

**A crônica de Lima Barreto presente em Floreal: O direito de fala no ambiente
cultural da República Velha**

CAMPINA GRANDE

2018

Rute Cunha de Farias

A crônica de Lima Barreto presente em Floreal: O direito de fala no ambiente cultural da República Velha

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial à conclusão do curso.

Orientador: Prof. Dr. José Hélder Pinheiro Alves

CAMPINA GRANDE

2018

F224c

Farias, Rute Cunha de

A crônica de Lima Barreto presente em Floreal : o direito de fala no ambiente cultural da república Velha / Rute Cunha de Farias. - Campina Grande-PB, 2018.

56 f. : il.

Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2018.

"Orientação: Prof. Dr. José Hélder Pinheiro Alves".

Referências.

1. Floreal - Jornal. 2. Lima Barreto. 3. Cultura. I. Alves, José Hélder Pinheiro. II. Título.

CDU 070(043)

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO BIBLIOTECÁRIO GUSTAVO DINIZ DO NASCIMENTO CER - 19515

A crônica de Lima Barreto presente em Floreal: O direito de fala no ambiente cultural da República Velha

Monografia de conclusão de curso apresentada ao curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial à conclusão do curso.

Aprovada em ____ de _____ de _____

Banca Examinadora:

Prof. Orientador Dr José Hélder Pinheiro Alves - UFCG

Prof. Dr Examinador José Edilson de Amorim - UFCG

CAMPINA GRANDE - PB

2018

Dedico este trabalho em primeiro lugar à minha família, principalmente a minha querida mãe que sempre me deu todo apoio e incentivo, em segundo lugar ao meu orientador Helder Pinheiro que acreditou neste trabalho e fez com que ele se tornasse possível, em terceiro lugar a todos os meus amigos pessoais e da vida acadêmica que sempre me deram força em todos os momentos da graduação auxiliando na concretização desse momento.

AGRADECIMENTOS

Gratidão é preciso

Agradecer é necessário mas ao mesmo tempo é perigoso, pois podemos lembrar alguns mas ao mesmo tempo esquecer pessoas que foram importantes nessa trajetória. Mas, vou tentar e espero não esquecer ninguém. Nesse momento em que finalizo mais um ciclo da minha vida, quero agradecer primeiramente a Deus, depois à minha família por todo carinho e confiança depositados, ao meu pai Antônio que sempre esteve presente em todos os momentos, a minha irmã Rebeca ao meu irmão-primos Max e abrir um destaque especial para minha mãe que me fez conhecer as letras desde pequena, gostar de ler, gostar de Chico, me apaixonar por Machado e amar um tal de Lima que resultou neste trabalho. Aos demais familiares por estarem sempre me apoiando. A todos os meus amigos que são como que uma segunda família, sendo eles acadêmicos ou não, tenho a sorte de ter pessoas como Monique Sukeyosi, Ana Lígia, Dhébora Letícia, Herbert Sousa e João Paulo me dando todo auxílio possível e não imaginável. Agradeço imensamente a UAL, lugar em que encontrei grandes professores que me fizeram crescer como pessoa, estudante e pesquisadora. Ao meu orientador o professor Dr. José Hélder Pinheiro Alves, por ter acreditado desde o início da minha pesquisa e pelas dicas e sugestões que foram essenciais para a realização do meu trabalho. E, por fim, quero agradecer desde já ao professor Dr. José Edilson de Amorim por ser tão solícito participando da minha banca examinadora.

"A capacidade mental dos negros é discutida a priori e a dos brancos, a posteriori.

(Lima Barreto, Diário íntimo)"

RESUMO

Resumo: O jornal foi um dos principais suportes para a literatura não só brasileira, como também mundial. Autores como Machado de Assis, por exemplo, publicaram suas obras inicialmente através desse meio. No início do século XX, período da chamada República Velha no Brasil, já existiam inúmeros jornais entre grandes e pequenos circulando pelo país e, durante dois meses do ano de 1907, *Floreal*, tendo Lima Barreto como diretor, estava no meio desses impressos. Assim como na suas obras mais conhecidas, o jornal de Lima Barreto apresenta um caráter crítico e militante, temas como questões raciais, sociais, políticas e econômicas estão presentes no periódico do autor de *Clara dos anjos*. Iremos analisar um viés diferente e ainda pouco conhecido dos escritos de Lima Barreto, que consiste nos quatro números de *Floreal* que circularam no Rio de Janeiro entre outubro e dezembro de 1907. Observaremos como se encontrava o ambiente cultural do início do século XX e, especificamente, quem detinha o lugar de fala em relação à cultura. Para isso, utilizaremos como suporte teórico autores como Broca (2004), Sevcenko (2007), Martins e Luca (2008) e Farias (2016).

Palavras-chave: Floreal. Lima Barreto. Cultura.

Sumário

Introdução.....	10
1.Revolução sociocultural da imprensa no mundo ocidental.....	16
2. A imprensa no território brasileiro	21
3. Literatura e imprensa: A estreita relação que se estabelecia no início dos 1900.....	28
4. Floreal a revista marginal: Os literatos e as relações de poder - Quem ditava a cultura?.....	34
Considerações finais.....	53
Referências.....	56

Introdução

Investigar a história do jornal no Brasil significa também estudar a história da literatura, visto que, essas duas áreas possuíam uma relação bastante estreita, servindo uma como suporte para a outra. Deste modo, no início do século XX, podemos observar, através do periódico que aqui será analisado, que o jornal era o grande responsável por formar o ambiente cultural do Brasil. Era por meio desses suportes que se debatiam assuntos, instruía pessoas, publicavam-se obras, fazia-se todo tipo de propagandas, os jornais, sozinhos, possuíam os papéis que hoje são designados à escola, aos livros, à televisão e a internet, por exemplo.

No final do século XIX e início do século XX, anos iniciais da Primeira República no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, encontravam-se os maiores jornais do país, sendo importante salientar que eles tratavam-se do principal meio para a publicação das mais importantes obras literárias desta época, pois, como o número de leitores era bastante pequeno e, menor ainda era a quantidade de pessoas que podiam adquirir livros, os autores deste período precisavam usar os jornais como vitrine para divulgação de suas obras por ser um meio mais acessível, embora muitos não gostassem dessa forma ‘‘industrial de publicação’’. Os periódicos foram então os principais veículos de divulgação da literatura brasileira. A respeito do assunto, Farias (2016) afirma que, no período entre final do século XIX e início do século XX:

Em um país em que a profissionalização de um escritor por intermédio da publicação e venda de livros era difícil, devido a fatores como o poder aquisitivo e o alto índice de analfabetismo da maior parte de sua população, o caminho que restou para os aspirantes a escritores foi consegui-la por outros meios, como o jornalismo. (p.30)

Literatura e jornalismo estavam imbricados de forma que um não podia prescindir do outro, sendo importante salientar que o que era considerado literatura naquela época (final do século XIX e início do século XX) não se trata do que conhecemos hoje por literatura, pois, existia uma linha bastante tênue entre os saberes e, de acordo com Barbosa 2007:

O que se pode concluir é que, na segunda metade do século XIX, o termo literatura ainda não remetia a um conceito próximo da concepção moderna, pois sua ‘‘automização de outros campos do saber [ainda] estava em curso’’ (ABREU,2003) e se processava lentamente, como

fica facilmente perceptível nos usos cotidianos de jornais e periódicos. De fato, o termo adequado, inclusive porque é o que traduz mais apropriadamente essa indefinição, é o mais referido pelos escritores da época: o de Belas-letras (ABREU, 2003), que engloba um conjunto amplo de escritos – entre os quais a carta, o sermão, as biografias, as narrativas de viagem, etc.

Tendo em vista que o conceito de literatura não era exatamente o que temos hoje, podemos observar que, a crônica, por exemplo, podia variar entre as mais diversas formas de se falar sobre o cotidiano, podia ser uma simples opinião do jornalista ou apenas um relato de um fato real, enfim, era um pouco de tudo, poderia ser um espaço destinado a qualquer assunto e estava sempre presente nas edições de todos os jornais e periódicos.

Lima Barreto contou (e refletiu) em suas crônicas muito sobre a nossa cultura e, principalmente, sobre uma cultura dos “marginalizados”, fato que pode ser constatado em seu periódico denominado *Floreal*, marginal também, pois não fazia parte dos grandes jornais da época e batia de frente com as opiniões expostas nestes.

Sabendo disso, acreditamos ser inédita uma pesquisa que busque investigar um viés da crônica de Lima Barreto que ainda não foi estudado. Através de uma pesquisa documental, podemos encontrar registros que nos possibilitam ampliar o conhecimento do que o autor de *Os Bruzundangas* nos diz sobre um país tomado pelo racismo e pelas desigualdades em que muitas vezes a euforia utópica vivida na época fazia muitos “homens das letras” não enxergarem o mundo aos seus arredores, sobre aqueles considerados marginalizados, “tipos” sempre presentes em todas as suas obras.

Nas crônicas presentes em *Floreal*, periódico de que foi diretor, Lima Barreto nos apresenta valiosas opiniões e informações sobre temas relevantes que envolviam assuntos como questões étnico-raciais relacionados à música, à literatura e à dança. Valendo salientar que as crônicas publicadas pelo autor no periódico não foram publicadas juntamente à sua obra completa.

Deste modo, uma pesquisa documental que nos traz algo novo sobre um autor tão importante para a nossa literatura pode vir a contribuir e enriquecer com os estudos relacionados a Lima Barreto, tendo em vista que o contexto em que ele estava inserido e a sua relação com a imprensa foram fatores essenciais na sua vida e obra.

Apesar de ser um autor clássico que publicou há mais de cem anos, poucos estudos são encontrados a respeito de Lima Barreto na Unidade Academia de Letras da

Universidade Federal de Campina Grande, além de nenhuma pesquisa de cunho documental. Deste modo, existem ainda muitos pontos obscuros a serem revelados a respeito do referido autor e sua obra, e uma revisita ao passado cultural através de um trabalho desse tipo se torna bastante interessante.

Vale salientar ainda que Lima Barreto foi o grande homenageado em um dos maiores encontros literários do país, que se trata da 15ª edição da Festa Literária de Paraty (Flip).

Refletindo a partir desse contexto, propomo-nos estudar as crônicas de autoria de Lima Barreto presentes nos quatro números de *Floreal*, procurando mostrar como este percebia a segregação da arte como fruto tanto da segregação racial quanto da social. Desse modo, investigar quem tinha voz de fala para escrever e produzir cultura de modo geral, tendo em vista que a maioria das práticas culturais oriundas dos tipos considerados marginalizados eram deixadas de lado, por vezes até mesmo proibidas sob o aval dos grandes jornalistas e literatos da época.

Sendo assim, observaremos se o ambiente cultural da capital fluminense nos primeiros anos da República dava direito de fala àqueles indivíduos que não faziam parte do seleto grupo de produtores de cultura aclamados pela maioria de intelectuais da época.

Como objetivo geral deste trabalho, verificaremos, por meio da análise de crônicas de Lima Barreto presentes no periódico *Floreal*, como o autor enxergava o lugar de fala de quem produzia cultura, ou seja, como observava a segregação da arte ligada às segregações raciais e econômicas. Tendo como objetivos específicos: o levantamento das crônicas presentes no jornal *Floreal* entre 1908 e 1909; a seleção das crônicas cuja temática refere-se à cultura de grupos e personagens marginais, a análise das crônicas selecionadas buscando apontar peculiaridades do pensamento do escritor, observar, através de *Floreal*, quem tinha vez de fala nos Primeiros anos da República do Brasil, ver quais questões subjetivas e econômicas resultavam à segregação cultural e observar os posicionamentos de Lima Barreto a respeito dos ‘ditadores’ de cultura.

Afonso Henriques de Lima Barreto era um autêntico boêmio, como afirma Lilia Moritz Schwarcz, era afrodescendente ‘por origem, opção e forma literária’. Nascido no Rio de Janeiro no dia 13 de Maio de 1881, o autor de *Clara dos anjos* era filho de pais mestiços, o tipógrafo João Henriques de Lima Barreto e a professora Amália Augusta Barreto.

Vivendo a maior parte de sua vida durante a Primeira República Brasileira, República essa que chegou com várias promessas de igualdade, mas que, na verdade, só foram acentuadas as desigualdades, Lima Barreto sempre criticou todo tipo de injustiças e defendeu ideias igualitárias reivindicando direitos sociais, definia-se como um militante a favor dos direitos dos considerados marginalizados.

De acordo com Bosi, a biografia de Lima nos ajuda a compreendermos muito a respeito das ideias presentes em suas obras, pois o preconceito e as injustiças vividas e presenciadas pelo autor estavam estampadas em seus contos e romances de maneira simples e clara. Os costumes da aristocracia da época assim como o peculiar nacionalismo das classes mais abastadas eram repudiados e denunciados pelo referido escritor.

A maior causa de suas críticas consistia nas questões relacionadas à segregação racial e à segregação econômica, como pretendemos mostrar no presente trabalho, as duas podem ser consideradas resultados de uma segregação também de cunho cultural. Em suas obras e em seus artigos publicados nos jornais e periódicos o autor sempre mostrou um Rio de Janeiro (Capital Federal a época) escondido pela grande maioria dos autores que publicavam no mesmo período.

Isaiás Caminha, obcecado pelo título de doutor, tornou-se tipógrafo e depois escrivão. O personagem se tratava de um homem culto que, com o passar do tempo, foi ficando sem muitas perspectivas considerado um dos personagens mais autobiográficos do autor aqui estudado. Outros personagens como funcionários públicos, trabalhadores do centro da então Capital Federal da época e andarilhos, por exemplo, eram todos um pouco de Lima. Observamos então uma recriação não só de si mesmo mas também de diversos indivíduos e costumes encontrados no território brasileiro, mais especificadamente, na cidade do Rio de Janeiro.

Lima Barreto mostrava em suas obras o grande e complexo Brasil que existia na primeira República, período pós-abolição da escravatura em que o país se encontrava repleto dos mais variados tipos de injustiças e preconceitos. De acordo com Broca (2004), o Rio de Janeiro da época que vivia o sonho da Belle Époque francesa deixando escondido o que de fato era real na cidade. Podemos afirmar que o referido autor nunca escondeu a cidade que realmente existia, muito pelo contrário, foi um confesso militante tanto em suas obras quanto em sua vida fora da literatura.

Segundo Schwarcz (2017), o autor chegou a estudar engenharia na Escola Politécnica, porém, não terminou seus estudos por lá. Além disso, contribuiu para vários

jornais e periódicos de sua época, sempre reclamando do pouco espaço que lhe davam e, quando o tinha algum espaço, sempre precisava publicar através de pseudônimos, o que o fazia ligar ao seu alcoolismo e as suas origens, afirmando que o fato de seus avós terem sido escravizados seria uma espécie de “prejuízo social”.

Ambíguo, Lima Barreto defendia as mulheres, mas não as ideias feministas, defendia os costumes populares, mas detestava futebol e Carnaval, e até mesmo tentou por três vezes entrar na Academia Brasileira de Letras que tanto criticou Schwarcz (2017). Um autor cheio de contradições assim como qualquer ser humano, mas que foi o grande defensor dos marginalizados seja através de seus contos, crônicas ou romances, seja nos jornais ou nos livros, talvez tenha sido quem melhor mostrou a realidade de um país recém saído de quatrocentos anos de escravidão e com um sistema político extremamente frágil.

Lima Barreto, como afirma Broca (2004) fazia parte da boemia autêntica, a que fora deixada de lado pelos grandes homens da Academia Brasileira de Letras, que passaram trocar os bares pelas grandes confeitarias da Capital Federal, enquanto a antiga boemia frequentava pequenos bares e botecos, e são nesses encontros pelos botecos do Rio que *Floreal* começa a surgir, valendo salientar que foi por meio do periódico que o autor conseguiu publicar o seu primeiro romance *Memórias do escrivo Isaias Caminha*, romance esse que rendeu ainda mais desentendimentos com vários jornalistas de sua época. O autor morre precocemente aos 41 anos de idade, devido a uma série de complicações causadas pelo alcoolismo.

O presente trabalho está organizado em quatro (4) capítulos, o capítulo um (1), no qual realizaremos uma breve retomada histórica a respeito da chegada da imprensa e suas consequentes modificações socioculturais. O capítulo dois (2) que nos fala a respeito da chegada dessa imprensa no território brasileiro. O capítulo três (3) que aborda a relação intrínseca entre literatura e jornalismo e o quarto e último capítulo em que analisamos as crônicas publicadas por Lima Barreto em sua Revista *Floreal*.

1.0 - Revolução sociocultural da imprensa no mundo ocidental

Os homens do século XVIII viam a circulação do escrito como a própria condição do progresso das Luzes. Graças a ela, todos estão em igualdade para julgar as instituições e submeter à discussão comum suas próprias ideias. Um novo espaço crítico e político nasce desse exercício público da razão pelas pessoas privadas (CHARTIER, 1998,p.133).

A chegada da imprensa modificou o modo de agir e pensar de todas as partes do mundo e, conseqüentemente, no Brasil não poderia ser diferente, tendo em vista isso, neste primeiro capítulo, iremos realizar uma breve retomada histórica sobre os anos iniciais da imprensa a nível mundial e as transformações que acompanharam esse novo instrumento de comunicação entre os homens.

Sodré (1998) afirma que a imprensa nasce junto ao capitalismo, sendo assim, a medida que o capitalismo ia se difundindo e se desenvolvendo, assim também caminhava a imprensa, atendendo às suas necessidades, sejam elas de cunho político, sociocultural, artístico e etc. Para o autor, “se a imprensa nasceu com o capitalismo e acompanhou o seu avanço, esse processo assinala, no Brasil, traços peculiares, estreitamente ligados aos aspectos que o avanço capitalista apresentou aqui” (p.10).

Torna-se então importante destacar que, de acordo com Darnton e Roche (1996), na França, país que, por alguns séculos, se tratava do grande influenciador político e sociocultural do ocidente, os jornais foram um recurso de extrema importância nas mobilizações contra o Antigo Regime, ou seja, a imprensa surge como arma de divulgação de pensamentos democráticos. A respeito do assunto os autores nos dizem que:

Junto as assembleias legislativas, nas quais os líderes revolucionários competiam para serem reconhecidos como a voz do povo, e com os clubes nos quais todo cidadão podia participar pessoalmente do debate político, a imprensa revolucionária foi uma das principais instituições que ajudaram a estruturar o novo mundo da cultura política francesa. ‘O nascimento do jornal coincide com o de uma nova’, escreve o pesquisador francês Pierre Rétat, acrescentando: ‘A sua vocação é medi-la e definir seu ritmo’ (p.199)

Sendo assim, podemos observar que, desde os seus primeiros dias, a imprensa possui um caráter definitivamente político. Desse modo, a grande maioria das publicações, sejam elas artísticas, meramente informativas ou publicitárias, seguem determinados princípios políticos que vão privilegiar o ponto que esteja de acordo com o

seguimento político defendido pelo jornal, no da grande maioria do ocidente, os regimes democráticos. Sodré nos fala que:

Por muitas razões, fáceis de referir e de demonstrar, a história da imprensa é a própria história do desenvolvimento da sociedade capitalista. O controle dos meios de difusão de ideias e de informações – que se verifica ao longo do desenvolvimento da imprensa, como reflexo do desenvolvimento capitalista em que aquele está inserido- é uma luta em que aparecem organizações e pessoas da mais diversa situação social, cultural e política, correspondendo a diferenças, e correspondendo a diferenças de interesses e aspirações. Ao lado dessas diferenças, e correspondendo ainda à luta pelo referido controle, evolui a legislação reguladora da atividade impressa (SODRÉ, 1998, p.1).

Essa revolução sociocultural trazida pelo capitalismo juntamente com seu meio de disseminação, a imprensa, trouxe consigo diversas transformações até mesmo inovações culturais, a exemplo do “Homem de letras” (Martins e Lucca, 2008) que, consistia basicamente em sujeitos capazes de ler e escrever articulando bem as ideias. Tais sujeitos assumiam tanto o papel de disseminadores de ideias políticas como, ao mesmo, tempo tinham uma função pedagógica para com o seu público leitor, segundo os autores se tratava do:

Tipo de escritor patriota, difusor de ideias e pelejador de embates e que achava terreno fértil para atuar numa época repleta de transformações... Foi a partir de processos como a Independência dos Estados Unidos, a Revolução Francesa e os movimentos liberais ibéricos, por exemplo, que surge esse intelectual tão característico desses inícios da Era Contemporânea, do qual Thomas Paine foi um dos paradigmas. Publicavam livros talvez, mas, sobretudo, impressos de combate imediato, de apoio/ataque a pessoas e facções e de propagação das ‘novas ideias’, dirigidos ao povo e à nação ou, quando fosse o caso, para formá-los (p. 35).

É importante compreendermos bem o conceito desse “formador de opiniões”, pois, durante muito tempo, tais homens desempenharam papéis extremamente importantes em relação à cultura, à política e aos costumes em geral, eram uma espécie de “ditadores” de bons costumes e, desse modo, foram indivíduos que possuíam o poder de influenciar, educar e informar a maioria da população.

Sabendo então que a revolução impressa trouxe consigo diversas transformações sociais e, dentre elas, novos tipos de personagens, é interessante atentarmos para o que Martins e Lucca (2008) nos falam a respeito do caráter panfletário que a imprensa adquire em seus primeiros anos e, como esse referido intelectual vai ter um papel essencial nesse período. A respeito do estilo panfletário os autores afirmam:

O estilo panfletário (difícil de ser redigido com qualidade e hoje em franco desuso na imprensa) alcançava eficácia por várias características retóricas interligadas, como: capacidade de convencer e de atacar, espírito mordaz e crítico, linguagem literária, sátira, requerendo ao mesmo tempo densidade doutrinária e ideológica e agilidade para expressar, em situações específicas e circunstanciais, uma visão de mundo geral e definida (p.37).

Como podemos observar, o jornal se tratava de uma espécie de instrumento tanto pedagógico quanto criador de todo um ambiente cultural da época, servindo ao novo regime político/econômico das mais variadas maneiras e sendo viabilizado através das publicações dos homens de letras.

Com o passar do tempo, o jornal foi ganhando vários formatos distintos assim como também outros concorrentes impressos, a exemplo das revistas e, como se tratavam dos principais meios de divulgação de todo tipo de informações e arte, poderiam ser encontrados nesses impressos debates (utilizados na grande maioria das vezes de forma teatral em busca de notoriedade), propagandas, dicas de moda, trechos de livros, livros, notícias, enfim, uma infinidade de tipos de conteúdos.

LITERATURA E SCIENCIAS

NOVAS PUBLICAÇÕES EM INGLATERRA.

Inglé's Domestic Medecine, 12.^{mo} preço, 4s. 6d. Sistema completo de Medecina domestica, para o uso das familias: com instrucções para a applicação de hervas ao curativo de todas as molestias incidentes ao genero humano; arranjadas em ordem alphabetica, debaixo dos capitulos daquellas molestias, a que se applicam como curativo; e com instrucções para a practica da medecina por hervas; formando esta uma obra companheira do herbolario de Culpepper, Por J. Ingle.

Remarks on Insanity. 8.^{vo}, preço 5s. Observações sobre a loucura, fundadas na practica de Joaõ Mayo, M. D. Collegial do Collegio de Medicos: tendentes a illustrar os symptomas phisicos e o tractamento da molestia. Por Thomaz Mayo. B. M. Collegial do Collegio de Oriel em Oxford.

Burney on Planetary Motions: preço 2s. 6d. Commentario, sobre os systemas, que se tem até aqui produzido, para explicar os movimentos planetarios. Por Jaimes Burney, Escudeiro, da Amada Real, F. R. S.



Fonte: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin – USP

À medida que a sociedade ia desenvolvendo um novo estilo de vida, assim também iam os impressos se desenvolvendo e possuindo um papel essencial nessas transformações sociais. A seguir observaremos como se deu esse processo no território brasileiro.

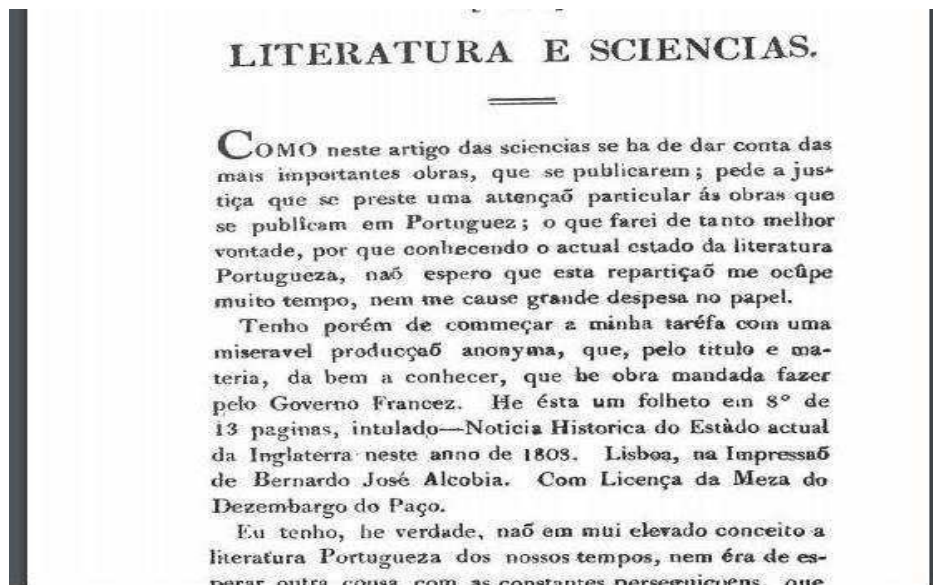
2.0 – A imprensa no território brasileiro

Voltando para o Brasil, podemos encontrar distintas teorias relacionadas ao surgimento da imprensa na América Portuguesa. De acordo com Barbosa (2010), algumas afirmam que essa só vem a surgir de fato no século XIX com a *Gazeta do Rio de Janeiro*, outros afirmam que o *Correio Braziliense*, jornal editado em Londres e nascido poucos meses antes, já se tratava do início do jornalismo no país. A autora afirma que fatores sociais, econômicos e políticos podem ter influenciado no atraso do jornalismo no país, tendo em vista que a América Espanhola saiu na frente do Brasil em relação ao surgimento da imprensa.

Apesar de existirem registros de circulações impressas no Brasil desde o século XVII, além de diversas obras datadas dessa época, a sistematização de fato se dá apenas no início do século XIX com a chegada da Corte Portuguesa e a instalação da Imprensa Régia (Martins e Luca, 2008). Desse modo, *A Gazeta do Rio de Janeiro* seria o primeiro jornal brasileiro se levarmos em consideração a circulação regular.

A regularização da circulação de periódicos no país trouxe consigo melhores condições tanto para a produção quanto para o acesso a impressos em geral, pois abriu espaço para a viabilização de impressos como livros, boletins, jornais, folhetins entre outros. Além disso, vale destacar que, tratando de literatura, Farias (2016) afirma que nos meses iniciais do *Correio Braziliense* já podemos encontrar partes dedicadas ao tema, como podemos observar na imagem que segue:

Imagem 3 - Correio Braziliense -



Fonte: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin – USP

É importante salientar que existiam dois tipos de censuras que “ditavam” as regras relacionadas às publicações, uma era realizada pelo poder civil, por meio do “Ordinário e Desembargo do Paço”, e outra pelo poder eclesial, através do “Santo Offício”. Os censores, em sua grande maioria, se tratavam de “Homens de letras” nascidos no Brasil (Martins e Luca, 2008).

Sendo assim, essa censura teria influenciado Hipólito da Costa, fundador e redator do *Correio Braziliense*, a fazer o seu periódico em Londres, tendo em vista que seria bastante difícil conseguir imprimir a folha aqui, pois não eram permitidos impressos que não pertencessem a Imprensa Régia. Desse modo, até a proclamação da república, a grande maioria dos impressos que aqui circulavam eram clandestinos, sejam livros, jornais ou periódicos, por exemplo.

Diferente do *Correio Braziliense*, a *Gazeta do Rio de Janeiro* consistia em uma gazeta¹ oficial, uma espécie de diário em que eram publicadas as medidas e decisões da Coroa Portuguesa instaurada aqui na colônia. A respeito do referido periódico, Barbosa afirma que:

A rigor, a *Gazeta do Rio de Janeiro* é o jornal oficial da corte de Dom João que sai diretamente dos prelos da Imprensa Régia, à qual compete o monopólio da impressão de qualquer obra tipográfica no país, o que não impede a inclusão, nesse periódico, de informações de interesse mais amplo para o público a que se dirige. (BARBOSA, 2010, p.22)

Desse modo, a imprensa, nos seus primeiros passos, seguia as regras ditadas pela administração colonial com um formato preferencialmente periodista, publicava, na grande maioria de suas matérias, notícias relacionadas às ações do Império, porém, como afirma Barbosa (2010), a Gazeta, apesar de ter sido uma gazeta oficial, pode sim ser considerada como jornal, já que em suas páginas estavam registradas diversas informações e costumes da época.

Imagem 4 - Gazeta do Rio de Janeiro -



Fonte: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin – USP

É interessante observarmos que, de acordo com Martins e Luca (2008), jornais como *A Gazeta do Rio de Janeiro* e o *Correio Brasiliense*, ambos citados anteriormente, defendiam os mesmos ideais políticos, apesar de tão distintas formas de se apresentarem ao público. Além disso, é importante destacar que, de acordo com os autores, o fundador

e diretor do Correio Braziliense, Hipólito da Costa, que antes criticava de forma ferrenha a coroa Portuguesa, passa então a defendê-la após liberação de verbas para o jornal. Podemos observar então que, dois jornais, aparentemente tão diferentes, não só faziam parte do mesmo contexto como também chegaram a defender o mesmo regime político existente na época.

Desde o seu surgimento, a imprensa no Brasil, assim como em todo mundo, estava intrinsecamente ligada a questões políticas e, com a independência, essa relação continuou se fortalecendo, como se uma dependesse totalmente da outra. Sendo importante destacar, a título de observarmos o nível de influencia, que fatores como a luta pela liberdade de Portugal, por exemplo, foi um dos grandes motivos que fizeram representantes de classes dominantes apoiarem a “liberdade” da imprensa e assim abrirem espaço para novos impressos. A respeito do assunto Sodré nos diz que:

No que se refere à imprensa brasileira, é fácil hoje compreender como a restrição à sua liberdade interessava às forças feudais europeias, à metrópole lusa e o seu governo; enquanto a sua liberdade interessava à burguesia europeia e às forças internas que, aqui, lutavam contra o colonialismo. (SODRÉ, 1998, p.44)

Após a independência do Brasil começaram a surgir outros jornais e impressos em geral regularizados no país e, de acordo com Barbosa (2010), em 1824 passa a ser declarado na constituição que “todos podiam comunicar os seus pensamentos, por palavras, escritos e publicá-los na imprensa, sem dependência da censura” porém, aqueles que publicassem suas ideias deveriam responder por eventuais “abusos que cometerem no exercício deste Direito, nos casos, e pela forma, que a Lei determinar”. Porém, essa liberdade não existia de fato, pois anseios políticos estavam acima da livre expressão, como podemos observar em Martins e Luca:

Houve um crescimento da imprensa, sim, mas questão do controle desta atividade seguiria uma linha sinuosa, com recuos e expansões: os dilemas, vividos pelos redatores de diversas correntes políticas, se cruzariam com as preocupações governamentais e com as constantes alterações dessa legislação pelos parlamentares (MARTINS E LUCA, 2006, p.34).

Após esse período dos anos iniciais da independência, passo a passo, a imprensa foi se consolidando no nosso país, como principal fonte de informação, de entretenimento

e, depois, principal suporte de circulação do literário e vitrine para os homens de Letras. Os jornais passam a se modernizar, seguindo o ritmo frenético que exigia o novo sistema de organização social, com isso, como afirma Barbosa, o público letrado, apesar de ainda muito pequeno, começa a aumentar.

Em 1874, com o desenvolvimento do sistema telegráfico, instala-se no Rio de Janeiro a primeira agência de notícias: a Havas. Logo a *Gazeta de Notícias* e o *Jornal do Commercio* passam a publicar os telegramas internacionais, que a agência distribui, nas suas primeiras páginas. Ao lado disso, o desenvolvimento dos Correios, desde o Império, facilita a distribuição dos periódicos. A malha ferroviária atinge lugares longínquos, criando a possibilidade de os periódicos chegarem aos leitores. Nos vestígios deixados pelos múltiplos documentos, pelos trechos literários e pelas descrições contidas nos próprios periódicos, a leitura passa a ser hábito nas cidades. (BARBOSA, 2010,p.117)

No final da segunda metade do século XIX o Brasil passa a ter inúmeros impressos circulando, a grande empresa jornalística passa a ganhar cada vez mais forças, adventos frutos da modernização auxiliam tanto na alta produção quanto na impressão de elementos que contribuíssem para chamar mais a atenção do público leitor, charges, caricaturas, fotografias e desenhos em geral passam a ser inseridos nas páginas dos grandes jornais com maior facilidade.

Um fato importante a ser lembrado é que, o Brasil, passou por centenas de anos como colônia, depois virou império e, por fim, república, essa trajetória obviamente deixou fortes heranças culturais no país. Do século XIX até a primeira metade do século XX, o país viveu uma forte influência cultural europeia, mais especificadamente, a francesa.

A “boemia francesa” invadia o Brasil, campos como moda, música, literatura e artes em geral, por exemplo, eram todos guiados de acordo com os costumes e princípios franceses. No início do século XX, com a modernização das cidades, principalmente da então capital federal, Rio de Janeiro, esse “afrancesamento” ganha força, a respeito do assunto Martins e Luca nos diz que:

A preocupação em adequar-se aos padrões de modernidade vigentes e a inspiração europeia estiveram sempre presentes na base do intenso debate desencadeado através da imprensa em torno do projeto de reforma urbana no Rio de Janeiro no início do século XX – o famoso ‘bota abaixo’ do prefeito Pereira Passos. Coincidindo com a campanha de erradicação da febre amarela, essa intervenção teria como impulso a necessidade de transformar a capital federal numa cidade moderna, civilizada e adequada os padrões de modernidade aspirados. (MARTINS E LUCA, 2008,p.113)

No início do século XX, com essa modernização e euforia vivida pelas grandes cidades do Brasil da Primeira república, como Rio de Janeiro e São Paulo, havia inúmeros impressos em circulação no país. Revistas, folhetins, jornais entre outros, as formas de impressos se diversificavam, uns dedicados ao humor, outros à moda, outros à literatura, mas em todos poderíamos encontrar o que Barbosa (2012) chama de “caráter miscelânico”, devido a grande variedade de tipos de informações encontradas nos jornais.

E é nesse cenário do Brasil Primeira República repleto de transformações trazidas por diversos fatores que a literatura, junto aos jornais, começa uma fase determinante e de grande importância para as nossas letras. Autores como Machado de Assis, Lima Barreto e João do Rio contribuíram para diversos jornais entre esse período.

No próximo capítulo, adentraremos mais no universo da literatura, observaremos como esse cenário cultural era construído e, deste modo, como esse meio se tornou vitrine para os “homens de letras”, pois se tratava da forma de conseguirem notoriedade e, no caso dos escritores, uma possível publicação de suas obras. Veremos também como esse caminho era árduo e praticamente impossível para muitos autores que não se enquadravam na chamada “boemia de ouro”.

3.0 - Literatura e imprensa: A estreita relação que se estabelecia no início dos 1900

Literatura e imprensa possuíam uma relação intrínseca desde os seus primórdios. Inicialmente, os jornais serviam como suporte para divulgação de livros e por volta dos anos 1820 e 1830, trechos de livros eram publicados nos jornais como maneira de disseminação e propaganda de obras, todavia, devido ao baixo poder aquisitivo da maioria da população somado ao alto índice de analfabetismo, a compra de livros era bastante escassa. Esse fato ocasionou então o caminho inverso, as obras passaram a ser publicadas primeiramente nos jornais, por meio de romances-folhetins, por exemplo e, caso fossem bem recebidos pelo público leitor e fosse viável a publicação, é que iriam para as páginas de livros. A respeito do assunto Farias nos diz que:

Fatores como baixo poder aquisitivo e a falta de instrução da população do país, na época, levaram o jornal a figurar como o principal suporte do impresso no Brasil. Dado a acessibilidade ao que se refere à aquisição mais fácil do jornal pelo seu baixo custo, comparado ao preço

do livro e à linguagem mais propícia ao entendimento de um público maior, o jornal se tornou a principal fonte de informação e de entretenimento no Oitocentos. (FARIAS, 2016, p.29)

Como dito anteriormente, os jornais apresentavam uma variedade de assuntos que iam desde as questões ligadas à libertação da mulher, passando por assuntos literários até anúncios publicitários dos mais variados produtos, tratando-se, então, de um verdadeiro vitral das questões que estavam em voga no Rio dos anos iniciais da Primeira República.

Sabendo então que todo tipo de informação e entretenimento poderiam ser encontrados nos jornais nesse período, podemos inferir que tal meio se tratou então de uns dos principais suportes literários da época, pois era a forma impressa mais adquirida pelo público, forma essa que tornava viável a disseminação do literário assim como também facilitava o consumo da literatura. Desse modo, a presença dos homens de letras que tinham como objetivo o lançamento de suas obras literárias passou a ser bastante intensa nas redações de jornais, principalmente a partir da segunda metade do século XIX.

A grande imprensa jornalística se mantinha forte no início do século XX, período posterior a recentes e importantes mudanças no cenário político e recém saído do florianismo. De acordo com Sodré (1998), nos primeiros anos da república no Brasil, os grandes jornais continuaram praticamente os mesmos, surgindo então uns alguns novos que nem sempre conseguiam continuar na disputa por leitores, a diferença consistia em mais força e prestígio para os defensores da república e mais combatividade para os defensores da monarquia.

Literatura e jornalismo continuavam então em uma relação estreita e o ritmo frenético da imprensa exigia dos escritores uma produção rápida, fato que irritava muitos autores que não podiam se desvincular desse suporte. Sodré (1998, p.292) afirma que “os homens de letras buscavam encontrar no jornal o que não encontravam no livro: notoriedade, em primeiro lugar; um pouco de dinheiro, se possível”. Entre os jornais que davam mais destaque a literatura nesse período estavam a *Gazeta de Notícias*, o *Correio do povo* e *Jornal do comercio*, todos jornais cariocas, de altas tiragens e que possuíam os recursos mais avançados possíveis.

É importante que saibamos do contexto em que todo esse cenário literário-jornalístico estava inserido, pois, o Rio de Janeiro, nos anos iniciais do século XX, vivia um período de euforia devido às diversas mudanças que o cenário político ocasionou no país. Nesse período pós Floriano, em que se espalhava uma visão otimista pelo Brasil

(otimismo este vivenciado, como de costume, pelas camadas sociais mais altas), se tratou então da Belle époque brasileira. A respeito disso, Broca afirma que:

O país entrava em uma fase de relativa calma de prosperidade. Campos Sales saneava as finanças preparando o terreno para o grande programa de realizações do governo Rodriguez Alves. Oswaldo Cruz inicia a campanha pela extinção da febre amarela e o prefeito Pereira Passos vai tornar-se o barão Haussmann do Rio de Janeiro, modernizando a velha cidade colonial de ruas estreitas e tortuosas. (BROCA, 2006, p.35)

O Rio vivia então um período de inúmeras transformações orientadas por fins progressistas, estava tornando-se o ‘Rio parisiense’, fase em que a paisagem urbana da cidade passa a ser cada vez mais modificada. Foram construções, expulsões, disputas entre grupos sociais, campanhas, enfim, uma série de acontecimentos que não só modificaram a paisagem urbana como também a social da cidade e, conseqüentemente, tais mudanças também foram refletidas na literatura produzida na época. Sobre este assunto, de acordo com Broca:

Os escritores superestimavam essa modernização da cidade, atribuindo ao Rio, em conto, romances e crônicas, ambientes e tipos que na realidade aqui não existiam. E os requintes de civilização, prevalecendo na parte urbana da metrópole, iam fazendo naturalmente com que os velhos costumes recuassem para zona suburbana. Começaria a acentuar-se um certo antagonismo entre a ‘cidade’, os bairros aristocráticos, de gente fina, dos supercivilizados, e o subúrbio com sua pequena burguesia, de costumes simples- antagonismo de que a obra de Lima Barreto constituiria uma admirável ilustração. (BROCA, 2006, p.38)

As zonas suburbanas, de maioria na capital fluminense, não pareciam existir para muitos dos escritores e jornalistas em geral. O Rio que se via nesses subúrbios era tomado pelo total descaso dos governantes, faltavam elementos básicos que estruturam uma cidade. As ruas eram irregulares, não existia saneamento e, além de tudo, outros problemas sociais graves, a grande maioria da população analfabeta e sem instrução, conseqüentemente, sem oportunidades e sem defesa. Apesar de todos esses problemas sociais vividos na época, a maioria dos intelectuais acabaram seguindo o progresso da nova cidade que nascia e fechando os olhos para as realidades locais.

Por volta dos últimos anos do século XX, de acordo com Broca (2004), grande parte dos literatos que formavam a antiga boemia, que seriam, de forma resumida, aqueles escritores que se reuniam nos bares próximos a rua do Ouvidor, localizada no centro do

Rio de Janeiro, e entendiam a literatura de maneira mais idealista e utópica, já haviam passado pelo processo de aburguesamento dando lugar a nova boemia, a boemia dourada, que trocou os bares pelos cafés e o modo francês de viver. Schwaez nos diz que:

Formada em boa parcela por jornalistas, a literatura nacional crescia, sobretudo a partir de instituições como a Academia Brasileira de Letras, que funcionava como uma sorte de régua interna a distinguir os mais estabelecidos daqueles que permaneciam como outsiders.¹ Já a possibilidade de lançar um livro sem fazer parte desse círculo seleto era de todo restrita, uma vez que as poucas editoras que havia se concentravam usualmente em torno de nomes consagrados. Logo, a maneira mais fácil de apresentar uma obra e ganhar evidência era por meio dos jornais, que publicavam romances em capítulos e na forma de folhetins. Mas até mesmo esse tipo de oferta era escasso, e as oportunidades disputadas a tapa. Ainda que os jornais se tornassem mais regulares e passassem a contar com um corpo de funcionários fixo e colaboradores afamados, justamente por causa dos artigos e colunas que assinavam, continuava difícil entrar nesse clube, em que todos se conheciam e reconheciam (SCHWAEZ, 2017, p.47)

Dentro desse contexto, os grandes jornais assim como também a recém fundada Academia Brasileira de Letras exigiam um perfil de escritor que acompanhasse as mudanças que ocorriam no país, como, por exemplo, a urbanização e a modernização da cidade então Capital Federal da época. Segundo Broca:

Dois fatores, porém, concorreram sensivelmente para a decadência da boemia: o desenvolvimento e a remodelação da cidade, e a fundação da Academia Brasileira em 1896. O Rio começou a perder o caráter semiprovinciano de velha urbe, com a vida centralizada numa pequena área, onde todos se encontravam e todos se conheciam. A abertura da avenida Central veio deslocar, em parte, os pequenos grupos que se formavam, à tarde, em diferentes pontos da rua do Ouvidor, e o sistema de expedientes em que repousa a subsistência dos chamados boêmios sofria com isso um grande golpe. Por outro lado, é impossível negar certa influencia da Academia Brasileira no crescente aburguesamento do escritor, entre nós, na primeira década do século XX. Sob o signo de Machado de Assis, a prova de compostura se tornara imprescindível para a admissão no novo grêmio, que desde o início se revestira de uma dignidade oficial incompatível. (BROCA, 2006,p.40)

O espaço para publicação era disputado por muitos, e questões de diversas ordens como políticas, culturais, econômicas e raciais, na grande maioria das vezes, eram fatores essenciais para escolha dos colaboradores, ou seja, nem sempre a aprovação de uma obra estava ligada diretamente à sua qualidade, fato que observaremos nas denúncias feitas por Lima Barreto em suas crônicas publicadas em *Floreal*.

De acordo com Schwarz (2017), Lima Barreto sempre teve altas pretensões em relação à sua literatura, queria criar uma espécie de nova literatura que desafiaria todas as

regras defendidas pela ABL assim como pelos grandes jornais existentes na época. Em meio à boemia dourada, Lima sonhava com obras que, de acordo com Servsencko (2003) seriam de caráter militante, pois fala, em seu diário, sobre a criação um estilo que poderia ser chamado de “negrismo” em que nos contaria assim como também denunciaria todas as injustiças sofridas pelos negros ao longo da história do Brasil.

Apesar de todos os sonhos, o autor reconhecia as inúmeras dificuldades que teria que enfrentar para ser aceito na imprensa, como podemos ver no fragmento abaixo:

O rapaz deixava claro, pelo menos no espaço protegido da sua privacidade, que pretendia encontrar seu lugar na literatura a partir de uma narrativa de fundo histórico e que retomasse os tempos da escravidão; ‘essas ideias’ que o ‘perseguem’. Tencionava ‘pintar e fazer a vida escrava com os processos modernos do romance, e o grande amor que me inspira- pudera! – a gente negra, virá, eu prevejo, trazer-me amargos dissabores, descomposturas, que não sei se poderei me pôr acima delas’. Essa seria sua utopia, sua definição de literatura, uma ‘literatura negra’ porque impactada pelas estacas da escravidão. Mas, ‘até lá’, escrevia ele, ‘meu Deus!, que de amarguras, que decepções! Ah! Se eu alcanço realizar essa ideia, que glória também! Enorme, extraordinária e- quem sabe? – uma fama europeia’. Dirão que é o negrismo, que é um novo indianismo, e a proximidade simplesmente aparente das coisas turbará todos os espíritos em meu desfavor; e eu, pobre, sem fortes auxílios, com fracas amizades. (SCHWAEZ, 2017, p.53)

Podemos observar que conseguir publicar uma obra era uma tarefa árdua que passava por diversos obstáculos. O autor precisava passar no crivo dos grandes homens de letras da época. Tais homens faziam a seleção de acordo com motivos que nem sempre levavam em consideração a obra de fato. Além disso, os autores precisavam seguir os bons costumes se almejassem aceitação na Academia Brasileira de Letras, valendo salientar que a aceitação e o respeito dos membros da academia eram de suma importância para quem quisesse ser visto com bons olhos tanto pela imprensa quanto pelo público em geral.

Observando então a complexidade que envolvia o ato de publicar uma obra, podemos imaginar o quanto escritores como Lima Barreto ficavam totalmente à margem dessa considerada “nata” letrada da época, tendo em vista que o autor, desde o início de sua carreira, batia de frente com diversos paradigmas seguidos e respeitados em sua época. Broca, a respeito da não entrada de Lima na ABL nos diz que:

Em carta a Monteiro Lobato, Lima Barreto explicava o insucesso: ‘ Sei bem que não dou para a Academia e a reputação de minha vida urbana não se coaduna com a sua respeitabilidade. De modo próprio, até deixei

de frequentar casas de mais ou menos cerimônia – como é que podia pretender a Academia? Decerto não’. (BROCA, 2006,p.41)

Lima Barreto, de acordo com Schwaecz (2017), colaborou com alguns impressos de destaque de sua época, dentre eles o *Correio da Manhã* e a Revista *Fon Fon*, lançada no dia 13 de Abril de 1907, na qual um dos seus fundadores, poeta e também criador de alguns periódicos, Mário Pederneiras, concedeu o cargo de secretário de redação do semanário a Lima, seria então uma oportunidade do autor adentrar de fato no jornalismo e assim conseguir divulgar suas obras, porém, sua passagem pela revista não chegou nem a completar dez meses, decidiu abandonar a revista alegando a falta de espaço, pois, apesar de ser secretário, não conseguia publicar seus artigos, para Schwaecz, o escritor acreditava que suas origens eram a causa de tais contratemplos, como podemos observar em:

Já nesse contexto tinha a certeza de que ‘sua cor’ e o fato de seus avós terem sido escravizados lhe causavam grande prejuízo social. Segundo ele, eram tais condições que geravam ‘fracas amizades’ e frágeis possibilidades de contar com ‘auxílios’ e proteções privados. Diante desse tipo de impasse, punha sempre a culpa em sua história pregressa: ‘A desgraça não me deixa andar para adiante; eu venho assim desde os sete anos e me resigno perfeitamente, o que é de meu gênio e das minhas origens...’. Não havia espaço, concluía Lima, para ele desenvolver um projeto editorial próprio junto à revista. Prova maior foi que, durante o primeiro ano de circulação da Fon-Fon, não publicou mais que três crônicas, e, mesmo essas, um pouco escondido atrás dos pseudônimos de Phileas Fogg e S. Holmes. (SCHWAECZ, 2017, p. 56)

O criador de Isaías Caminha tentou por diversas vezes publicar suas obras, dentre elas o seu primeiro romance *Recordações do escrivão Isaías Caminha* em alguns jornais de grande circulação em sua época, porém, não obteve êxito, precisando então abrir o seu próprio jornal para poder realizar tal desejo.

Vale salientar também que, em *Floreal*, Lima passa a usar seu nome com frequência nos seus escritos, tendo em vista que antes quase sempre publicava por meio de pseudônimos, fato que nos faz refletir sobre a liberdade que talvez o autor tenha conseguido apenas através do seu próprio jornal.

4.0- Floreal – A revista marginal: Os literatos e as relações de poder: Quem ditava a cultura?

Neste capítulo, iremos conhecer um pouco da revista *Floreal* como também analisarmos algumas das crônicas presentes no periódico de autoria de Lima Barreto, nas quais o autor nos fala a respeito de assuntos referentes a literatura e a cultura em geral. Iremos observar o seu pensamento crítico a respeito do ambiente cultural que o cercava.

Era um sábado, dia 25 de Outubro de 1907, surgia mais uma revista na cidade do Rio de Janeiro, revista essa que já chegava “perdendo” em muitos quesitos, pois, nesse período, existiam cerca de mais de 50 periódicos circulando, fato que tornava a caminhada de *Floreal* bem complicada e, além disso, vale salientar que a revista disputava com os grandes jornais da época que já ganhavam em recursos técnicos e financeiros, a exemplo, o *Jornal do Brazil* e a *Gazeta de notícias*.

Abaixo podemos observar a capa da primeira edição de *Floreal*, podemos perceber que o nome de Lima Barreto aparecia em destaque, fato que nos faz perceber que o autor não era um completo desconhecido na época:

Imagem 5 – Capa da primeira edição do jornal Floreal – 25 de Outubro de 1907



Fonte: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin – USP

EXPEDIENTE

Assignaturas

Trimestre... 3\$000 — Semestre... 6\$000
Anno. 12\$000
Avulso. \$500

Rio, 25 de Outubro, 1907.

Summario

Artigo inicial — *Lima Barreto*; Dialogo — *A. Noronha Santos*; Dia de Amor — *D. Ribeiro Filho*; Ossos (versos) — *M. Pinto de Souza*; Recordações do Escrivão I. Caminha — *Lima Barreto*; Revista da Semana: Pretextos — *Lima Barreto*; Jornaes e Revistas — *A. Noronha Santos*; Echos, &c.

Typ. Rebelo Braga — R. da Alfandega, 180. Rio de Janeiro.

Fonte: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin – USP

Segundo Schwaecz (2017), a escolha do nome da Revista foi uma homenagem ao calendário revolucionário que foi expedido na Convenção Francesa de 1793, conhecida como a segunda fase de Revolução Francesa, fazendo então o nome alusão à liberdade e a primavera. Além do mais, a autora também destaca que lima nasceu em Maio, considerado o mês das flores.

O formato da revista que tinha Lima Barreto como diretor era bem pequeno comparado a muitos periódicos da época, 15 x 22 e suas edições variavam entre 40 e 56 páginas. Além disso, fato que seus colaboradores fizeram questão de destacar, não possuía desenhos, fotos ou ilustrações, o que tornava suas capas menos atrativas, mais um motivo de saírem perdendo nessa árdua competição em busca de leitores. A revista era dividida em duas sessões organizadas da seguinte forma:

Uma parte será toda consagrada à matéria habitual das revistas e a outra, dividida em seções, será como que um jornal de quinze em quinze dias, onde serão examinados, tratados, explanados, segundo as nossas forças

e aptidões, os acontecimentos de toda a ordem que se houverem passado no nosso meio (FLOREAL, 1907, p. 3)

Apesar de todas as dificuldades, seus colaboradores possuíam pretensões, tinham como alvos declarados em seus textos tanto a maioria dos membros da Academia Brasileira de Letras, quanto os grandes jornalistas da época e, sendo declaradamente um jornal marginal, os jovens colaboradores almejavam seu lugar e público em meio a todos os concorrentes que, por sinal, batiam de frente.

A redação funcionava na cidade do Rio de Janeiro, Rua Sete de Setembro, número 89, 1 andar. O financiamento da revista viabilizou-se por meio de contribuições de seus próprios colaboradores. Lima Barreto, além de diretor, era também editor, foi neste período que o autor começou a se afirmar como escritor e, com isso, obter notoriedade, visto que não havia conseguido publicar seu primeiro romance em outros jornais, abrindo então Floreal essa possibilidade.

Desde o seu artigo inicial, escrito por Lima Barreto, *Floreal*, através de uma linguagem recheada de ironias, mostra o quanto era difícil manter uma revista circulando, tendo em vista as inúmeras dificuldades relacionadas à concorrência e aos recursos que ali seriam discutidas questões literárias e que existia uma grande escassez de leitores naquela época.

O autor ainda nos fala sobre a falta de grandes colaboradores afamados pela imprensa, fato que, para ele, trata-se de um entrave que poderia ser desfavorável comercialmente para o seu jornal. Além disso, ele prossegue afirmando que o periódico não consiste em um jornal de vanguarda e tão pouco pretende defender estéticas de escolas literárias, mas sim quer, de forma mais livre, trazer os temas que eram verdadeiramente importantes para a sociedade na época, diferentemente dos demais jornais que, na opinião dos colaboradores de Floreal, interessavam-se apenas em altas tiragens. Abaixo segue um fragmento do artigo inicial de abertura escrito por Lima Barreto:

Não é sem temor que me vejo a frente desta publicação. Embora não se trate do Jornal do Comercio nem da Gazeta de Pekim, sei, graças a um tirocínio prolongado em revistas efêmeras e obscuras, que imenso esforço demanda a sua manutenção e o futuro lhe está reservado. Sei também o quanto lhe é desfavorável o público, o nosso publico, sábio ou não letrado ou ignorante. Faltam-lhe nomes, grande nomes, desses que enchem o céu e a terra, vibram o éter imponderável, infelizmente não chegando a todos os cantos do Brasil; faltam-lhe desenhos, fotogravuras, retumbantes páginas a cores com chapadas de vermelho – matéria tão do gosto da inteligência econômica do leitor habitual; e,

sobretudo, o que lhe há de faltar, será um diretor capaz, ultra-capaz, maneiroso, dispondo da simpatia do jornal todo poderoso, e sábio nas sete ciências da rua Benjamin Constant e em todas as artes estéticas e técnicas. (FLOREAL, 1907, p. 3)

Podemos observar o tom de ironia que o autor utiliza, ao falar dos desenhos, fotografias e outros elementos utilizados pelos grandes jornais da época. Lima inicia a sua crítica ao conteúdo em si dos jornais, pois, para ele, esses se utilizavam e artimanhas para aproximarem os leitores que não poderiam encontrar nas páginas dos impressos conteúdos verdadeiramente relevantes.

Além disso, o autor ironiza a sua diretoria em Floreal, afirmando que não possui o conhecimento dos intelectuais que frequentavam as confeitarias e cafés do centro do Rio de Janeiro, personagens da chamada Belle époque brasileira, colocando, como exemplo disso, a rua Benjamin Constant.

Ao longo de todo o primeiro artigo, Lima já nos mostra o caráter extremamente marginal de Floreal, indo contra a todos os costumes da imprensa, falando-nos também a respeito dos “formulários e regras” que eram seguidos na época, fato que nos leva a refletir a respeito do grupo literário que predominava, pertencentes da boemia dourada, no qual muitos de seus integrantes olhavam bem mais para fora do que para o seu próprio lado. Ademais, o autor segue o artigo inicial afirmando que, com essa diretoria, pretende lutar e combater as injustiças causadas pelo preconceito, como podemos ver a seguir:

Na época de vida que atravesso, o inquieto pode vir a ser o lutador e o combatente, tais sejam as circunstancias que o solicitem. Eu as desejo favoráveis a essa útil mutação de energia, para poder levar adiante este tentame de escapar as injunções dos mandarinos literários, aos esconjuros dos preconceitos, ao formulário das regras de toda a sorte, que nos comprimem de modo tão insólito no momento atual. (FLOREAL, 1907, p. 4)

O autor foge à regra e mostra que o seu jornal será um jornal completamente distinto dos demais. Lima nos apresenta uma proposta diferente, que pretende dar voz ao que era realmente nosso, ao que estava realmente próximo, à nossa realidade de fato. A proposta do seu jornal pode ser vista logo na abertura, repleto de denúncias, críticas e dando lugar publicações que seriam ou foram descartadas pelos grandes jornais contemporâneos a Floreal. O autor de *Clara dos Anjos* adverte que o seu periódico será individualista o que, para ele, garante a total liberdade dos seus colaboradores. Esse individualismo pode ser entendido como o não comprometimento com nenhuma estética literária ou com nenhuma entidade legitimadora das Letras. Lima assim o define:

É uma revista individualista, em que cada um poderá, pelas suas páginas, com a responsabilidade de sua assinatura, manifestar as suas preferencias, comunicar as suas intuições, dizer os seus julgamentos, quaisquer que sejam. (FLOREAL, 1907, p. 4-5)

Lima continua falando o quanto é difícil conseguir publicar uma obra e que para isso é necessário se passar pelos jornais, porém, até mesmo nesses o espaço que é dado a autores como ele era pouco ou quase nada, fato que faz, com todas as dificuldades, se empenhar nessa nova jornada que era a Revista Floreal:

Nenhum de nós teve a rara felicidade de nascer de pai de livreiro, e pouca gente sabe que, não sendo assim, só há um meio de se chegar ao editor – é o jornal. Pouca gente sabe também que o nosso jornal atual é coisa mais inteligente que se possa imaginar. É alguma coisa como um cinematografo, menos que isso, qualquer coisa semelhante a uma féerie, a uma espécie de magia, com encantamentos, alçapões e fogos de bengala, destinada a alcançar, a tocar, a emover o maior número possível de pessoas, donde tudo o que for insuficiente para esse fim deve ser varrido completamente. (FLOREAL, 1907a, p. 5)

O percurso para a publicação era árduo e injusto. É importante destacarmos a analogia que o autor realiza ao comparar os jornais com o cinema, que na época era visto como algo que ia tomar o lugar dos livros, algo ainda recente e pouco compreendido por muitos, mas que, ao mesmo tempo, já fascinava o público. Era natural o estranhamento de muitos com o cinema, pois coisas novas quase sempre passam por um período de aceitação, mas o que Lima pretendia dizer, no caso, não era uma crítica ao cinema em si, mas a forma com que os jornais se utilizavam para prender o maior número de pessoas que pudessem.

Ainda nesse artigo inicial, o autor segue falando a respeito das humilhações e adaptações que são necessárias para poder se conseguir chegar aos jornais. Para Lima, quando um autor consegue chegar às páginas dos impressos não é mais o mesmo, pois passou por tantas modificações que apenas se torna um mero repetidor, tratando-se então de uma literatura que obedece a um modo mecânico de escrita.

Demais, para se chegar a eles, são exigidas tão vis curvaturas, tantas iniciações humilhantes, que, ao se atingir as suas colunas, somos outros, perdemos a pouca novidade que trazíamos, para nos fazermos iguais a todo mundo. Nós não queremos isso. Burros ou inteligentes, geniais ou medíocres, só convenceremos de que somos uma ou outra coisa, indo ao fim de nós mesmos, dizendo o que temos a dizer com a mais ampla liberdade de fazê-lo. Temos grandes dúvidas, insisto, mas não tantas que façamos residir toda a grandeza da literatura, todo o seu alcance e destino superiores, em rutilantes crônicas duvidosamente impressionistas ou no desenvolvimento em conto das anedotas da folhinha Laemmert. (FLOREAL, 1907, p. 6)

Após essa abertura, podemos encontrar a publicação de um conto de Domingos Ribeiro Filho, que pode ser considerado um autor revolucionário para sua época, pois apresentava ideias totalmente contrárias à moral e aos bons costumes. O conto chamado *Dia de amor*, teve a primeira parte publicada em um grande jornal da época, o *Correio da Manhã*, devido ao seu conteúdo ser considerado imoral por trazer o assunto do adultério e questionar instituições como o casamento, acabou por ser censurado e o restante da obra foi proibida de ser publicada.

Sendo assim, Floreal que, de acordo com seu diretor, vinha para abrir espaço e dar direito de fala para todos, abriu espaço para o autor publicando a continuação da obra. Essa consistiu mais uma forma de dar direito de fala e seguir o que o autor fala no artigo inicial do jornal, abrir lugar para todos que quisessem expor suas ideias e suas singularidades.

Lima Barreto não se importou com os motivos que levaram o conto a ser considerado imoral, pois além de outros motivos, como, por exemplo, proximidade com o autor e afinidade com os temas abordados, era uma ótima oportunidade de ir na contramão da grande imprensa da época, dar lugar a algo proibido por um dos maiores jornais em circulação do período.

Lima Barreto criticava a imprensa burguesa assim como também a literatura que vem a surgir junto a essa, como se uma fosse produto da outra e, de fato, era. O autor criticava a burguesia e tudo a representasse. Podemos até realizar uma relação do espaço aberto para Domingos e seus temas revolucionários como mais uma forma de protesto contra instituições que representavam bem essa burguesia, a exemplo, de certo modo, do casamento.

Ainda no primeiro volume, podemos encontrar em *Floreal* parte do primeiro capítulo de *Recordações do escrivo Isaias Caminha*, primeiro romance publicado por Lima Barreto que, por sinal, envolve todo o cenário da imprensa da época, ou seja, o suporte nos trazendo uma obra que também nos fala a respeito do próprio suporte, o jornalismo que virou ficção. Vejamos um fragmento da obra que condensa bem o pensamento do escritor a respeito do estilo de jornalismo que predominava no período: “O jornal já prestou serviços. – Decerto... não nego...mas quando era manifestação individual, quando não era coisa de lucro; hoje, é a mais tirânica manifestação do capitalismo e a mais terrível também”.

Abaixo podemos observar um fragmento da obra na sua primeira publicação na Revista Floreal:

Imagem 7 – Fragmento do primeiro capítulo do romance – 25 de Outubro de 1907

❁ ❁ ❁

RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAIAS CAMINHA

Eu me lembrei de escrever estas recordações, ha dous annos, quando, um dia, por acaso, agarrei um fascículo de uma revista nacional, esquecida sobre o sofá de minha sala humilde, pelo promotor publico da comarca.

FLOREAL

21

Nella, um dos seus collaboradores fazia multiplicadas considerações desfavoraveis á natureza da intelligencia das pessôas do meu nascimento, notando a sua brilhante pujança nas primeiras idades, desmentida mais tarde, na madureza, com a fraqueza dos productos, quando os havia, ou, em regra geral, pela ausencia delles.

Li-o a primeira vez com odio, tive desejos de rasgar as paginas e escrever algumas verrinas contra o autor. Considerei melhor e vi que verrinas nada adiantam, não destróem; se, acaso, conseguem afugentar, magoar o adversario, os argumentos deste ficam vivos, de pé. O melhor, pensei eu, seria oppor argumentos a argumentos, pois se uns não destruíssem os outros, ficariam ambos face a face, á mão de adeptos de um e do outro partido.

Com essa reflexão, que me animo a chamar

Fonte: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin – USP

Mais adiante, na sessão intitulada como *Revista quinzenal*, Lima Barreto nos traz uma crônica em que realiza uma dura crítica aos literatos e jornalistas da época, que criaram uma sociedade chamada “Caravana”, na qual eram discutidas as questões culturais da cidade.

Tal sociedade, de acordo a revista, era composta por grandes homens das letras, os “literatos mais famosos”, quer por obras compostas ou por altas posições na vida política ou administrativa, como afirmava Lima Barreto. Esses grandes homens da

sociedade organizavam banquetes entre outros tipos de reuniões para discutirem os hábitos culturais e disseminar os gostos artísticos considerados bons. O autor sempre faz questão de destacar que os membros influentes dessa espécie de associação não precisariam ser de fato grandes artistas, dependendo do status social.

A CARAVANA- De quando em quando, os nossos literatos mais famosos, por suas obras ou pela posição que ocupam na política e na administração, resolvem reunir-se e formar uma sociedade, um club, que dê banquetes congratulatórios e evoque sessões ruidosas, não esquecendo às vezes, de declarar que o clube ou a sociedade tem por fim também animar as letras e as artes e propugnar pela disseminação do gosto artístico. Convidam este e aquele, procuram os vários chefes dos bandos literários, aliciam alguns áticos suspeitos de usura na gerencia dos jornais e dois ou três mecenas cheios de dúvidas na doutrina das letras dobradas, e dão um nome a agremiação. Como não possam deixar de ser grandes literatos os nossos grandes jornalistas, são estes também convidados e os poderosos jornais, *ipso facto*, falam na associação, por intermédio de notícias em que lindos adjetivos cascadeiam e rutilam, redigidas a ricos pelos suplentes do mais célebres mestres, pois sempre os há nas redações importantes. (FLOREAL, 1907, p. 29)

Associações como a Caravana, de acordo com Lima, existiam desde antes da República, sempre compostas por ‘homens das letras’, grandes jornalistas, escritores e artistas conceituados, tinha o intuito de ‘refinar’ o gosto do público, por vezes organizando eventos públicos como exposições de pintura, apresentações teatrais, saraus entre outros sempre inspirados nos costumes e cultura francesa, como podemos observar em:

Propunha-se o Centro, como já tive ocasião de dizer, a refinar o gosto do público, a levantar a cultura artística da população brasileira, ou, no mínimo, da carioca, além de ter outros fins inteligentes e graves. Que fez? Exposições bric-à-brac, exibições de quadros vivos e representações de peças nebulosas, obrigadas a claque e a casaca, que se deviam mostrar com lustre e brilho, nas salas elegantes do Cassino e Lírico da Guarda Velha. Singular maneira de melhorar o gosto do público e de levantar a cultura da massa! (FLOREAL, 1907, p.30)

O diretor de *Floreal* mostrava-se indignado com tal fato, refletindo sobre o nosso país que, tão rico e diverso, poderia sim ter tanto produtores de cultura, quanto ser inspiração para cultura. Lima afirmava que quando os grandes homens das letras se voltam para a nossa cidade, voltam-se apenas para parte do Rio, a que se tornava urbanizada, a parte do Rio que deixava de ser a antiga cidade colonial para se tonar uma Capital Federal modernizada, cidade da *Belle Epoque* brasileira. Observemos então o trecho abaixo:

Não acredito absolutamente que a arte possa ser popular, não acredito mesmo que possa interessar sinceramente, não direi já o povo, mais a um grupo social inteiro, uma casta, uma classe; e não acredito também que os nosso literatos amem o povo, interessem-se pela sua sorte, achem nele poesia, matéria prima passa as suas obras. Pelo menos, não se encontram vestígios disso nos seus volumes. Coisa curiosa! Não temos uma aristocracia ou uma burguesia brilhante que se transmita através das gerações- não temos; entretanto, as nossas letras, quando se voltam para a cidade, não encontram material para sua obra senão na roda do Lírico, nos bondes de Botafogo, nas barcas de Petrópolis e nos passeios da Tijuca. Que singular! Para o resto, uns velhíssimos folhetins à França Junior, palpavelmente errados no tocante à observação. (FLOREAL,1907, p.30)

O autor demonstra então a sua indignação em relação a esta ``organização``, afirmando que excluía a massa e tudo que a representa de suas obras e que, para ele, o que se via nos escritos da época era um retrato das elites, como vimos acima, a roda do lírico, os bondes de Botafogo e os passeios da Tijuca. Ao refletir sobre isso, Lima Barreto atribui uma função primordial para a literatura, que seria o contrário do que se estava sendo feito pela grande maioria dos escritores da época. Esta função seria a de união e compartilhamento entre grupos, como podemos observar em:

Acantonam-se num ponto só e esquecem das maiores funções da literatura, que é soldar os grupos de um país uns aos outros, revelando a cada um deles as sucessivas maneiras de pensar, de sentir, os sonhos, as aspirações particulares a cada qual, procurando, como mostra Guyau, os sentimentos de sensações comuns na incoerência de sentimentos e de sensações de cada indivíduo, de cada grupo, de cada classe. Referindo-se aos indivíduos que não fazem parte da gente que eles adoram e exageram num romantismo curioso, os nossos literatos, só lhe vendo defeitos superficiais, degradam, amesquinham-nos, sem absolutamente descobrir neles as grandezas que têm, as qualidades que possuem. Eu julgava que os literatos e jornalistas, que se propõem a levantar a cultura geral do povo, deviam ter, por intermédio de suas obras, revistas e jornais, comunicado aos seus leitores as ideias condutoras para que eles fizessem essa ascensão por si mesmos. Seria mais fácil e seria mais difícil. Acho que negam a utilidade de sua obra, apelando para os outros meios que não ela mesma. (FLOREAL, 25/10/1907)

Servcenko (2013) nos diz que, para Lima Barreto, um alto grau de desenvolvimento cultural de um povo era o único meio para alcançarmos uma sociedade mais igualitária, e este desenvolvimento só poderia ser viabilizado a partir do compartilhamento cultural e da união entre os grupos. Percebe-se que o pensamento de Servcenko (2013) a respeito do diretor de Floreal estava presente nos ideais de cultura de Lima Barreto desde o início de sua carreira, como podemos observar no trecho visto acima.

Esse ideal o qual Servcenko (2013) se refere estava bastante distante da realidade, pois tanto a produção da arte quanto o seu consumo eram ditados por um seleto grupo que desconsiderava a cultura de massa, o que era bom e ruim era escolhido de acordo com padrões oriundos de um pensamento escravocrata e preconceituoso, pensamento esse que foi herdado de geração para geração pela seleta alta sociedade que olhava apenas para Europa esquecendo o que estava logo a sua frente.

Finalizando a crônica, Lima Barreto também nos traz uma crítica sobre o gosto pelo Maxixe e pelo Tango, afirmando que tais homens de letras pretendem arrancar do povo, mais especificadamente os soldados, o gosto por tais ritmos. Valendo salientar que o maxixe, também conhecido como “tango brasileiro” ou “tanguinho”, de acordo com Verardi e Nogueira (2017), consistiu primeiramente em uma dança de salão que exerceu forte influencia no samba brasileiro assim como também no forró.

O Maxixe, de acordo com as autoras, era considerado também como a primeira dança urbana do Brasil, era dançado de corpo colado e possui influencias africanas e argentinas, era considerado um ritmo-dança impróprio e escandaloso, perseguido pela igreja, polícia, grande imprensa e chefes de famílias tradicionais. De acordo com Verardi e Nogueira:

O preconceito com a dança fez com que o maxixe se popularizasse apenas através dos clubes carnavalescos e do teatro de revista e fosse divulgada pelos grupos de choro, bandas de música e pianistas populares. Sendo a primeira dança urbana do Brasil, segundo Maxixe (2013, p.1), era dançado no Rio de Janeiro, por volta de 1875, em locais que não atendiam a moral e aos bons costumes da época, tais como: forrós, gafeiras da cidade nova e cabarés da Lapa. Curiosamente os homens de classes mais abastadas frequentavam esses bailes buscando a sensualidade da dança. (VERARDI E NOGUEIRA, 201, acesso em 7 de março)

É interessante observarmos que no início do século existia uma espécie de higienização na cidade do Rio de Janeiro. Desse modo, várias manifestações artísticas oriunda dos morros, ou seja, das regiões que na época foram colocadas às margens das cidades, eram extremamente combatidas, pois não seriam bons costumes para a principal cidade da *Belle Époque* brasileira que se modernizava.

De acordo com Lira Neto (2017), como mais exemplo de manifestação popular proibida na época, os cordões carnavalescos que existiam no início do século XX, nos quais vários ritmos como o Maxixe, o Choro e a Modinha, eram bastante dançados, foram banidos das ruas do Rio de Janeiro, considerados “horrríveis, fétidos e bárbaros”. Sendo

assim, o direito a arte era negado e Lima nos apresenta mais uma das suas indignações relacionadas à exclusão do povo e da sua cultura:

A Caravana, que se acaba de fundar, parece querer me dar razão, quando organiza um concurso de bandas de música, cujo fim é extirpar da sensibilidade popular do soldado o gosto pelo tango e pelo maxixe. Porque não lhe mostraram, os literatos e jornalistas da 'Caravana', nos seus livros, nos seus artigos, hediondez do 'Vem cá mulata'? Se uma campanha ou literária era insuficiente, como são proveitosos alguns concursos semi-oficiais? Custa-me a compreender que outra música que não esta, fale a sensibilidade do nosso soldado, e digo isso sem desdém e desgosto... Fora da sensação de cada um de nós, não há critério seguro para emoção artística; e, se é possível uma arte superior, devia ela tirar das sensações individuais e particulares da nossa disparada população, uma geral, feita daquelas que um gênio pudesse harmonizar, proporcionar com a força unificadora do seu talento (FLOREAL, 1907a, p. 32).

Lima Barreto, como pudemos perceber ao longo de todo esse primeiro volume, defendia a cultura popular, a cultura dos morros, a cultura brasileira. Diante disso, observamos o quão importante é conhecer Floreal, pois temos a oportunidade de ver como era o ambiente cultural nessa época, além de explorarmos o suporte em que o autor teve liberdade de fato pela primeira vez para publicar as suas ideias, obras e indignações. Ademais, foi um período importantíssimo para a literatura e nossas artes em geral, pois, como vimos, a higienização também era cultural e o direito à 'fala artística' era concedido a um seletivo grupo que não representava o povo brasileiro.

O segundo volume de *Floreal* foi publicado no dia 12 de Novembro de 1907 e, logo de início, podemos encontrar a segunda parte do primeiro capítulo da obra *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, o autor da obra, após esse primeiro momento, segue fazendo comentários a respeito da recepção do jornal. Como de costume, os comentários foram recheados de críticas.

Imagem 8 – Capa segundo volume – 12 de Novembro de 1907



Fonte: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin – USP

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

Trimestre.....	3\$000	— Semestre.....	6\$000
Anno.....			12\$000
Avulso.....			\$500

Rio, 12 de Novembro, 1907

Summario :

<i>Spencerismo e Anarchia.....</i>	M. Ribeiro de Almeida
<i>Face a Face.....</i>	J. Pereira Barreto.
<i>Historia Triste.....</i>	Carlos de Lara.
<i>Recordações do escrivoão Isaias Caminha (Continuação)..</i>	Lima Barreto.

Revista da Quinzena :

<i>Pretextos.....</i>	A. Noronha Santo
<i>Questões actuaes.....</i>	Edmundo Enéas Galvão
<i>Protocollo.....</i>	
<i>Echos.....</i>	

Typ. da REVISTA DOS TRIBUNAES — Rua General Camara, 103

Fonte: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin – USP

Dessa vez, Lima Barreto ironiza a pouca venda de Floreal, apenas 38 volumes, em uma cidade que na época tinha cerca de mais de 800 mil habitantes, o autor brinca com os dados, mas demonstra estar ciente do público leitor escasso e mais escasso ainda para o tipo de proposta do jornal. Além disso, Lima também ironiza alguns meros comentários de alguns dos grandes homens de letras fizeram a respeito do novo jornal que circulava:

O elegante jornal das 6 horas da tarde, o Correio da Noite, quase sem antecessores na nossa publicidade periódica, recebeu-nos de uma maneira gentil e superiormente fidalga, como sabem usar os seus valentes redatores com os que começam...Floreal mereceu de Gonzaga Duque a excepcional distinção de uns cumprimentos...Vendemos 3 números, graças aos esforços do nosso distribuidor, o Thomaz Labanca. A capa, disse-nos ele, matou muito; é bom que os senhores ponham uma vista: a alameda do Jardim Botânico, a Itapoca ou a Caixa de Conversão...Demais, saindo no sábado, impressada entre tantos belos

jornais ilustrados, a nossa pobre revista nem se quer podia ser notada. Alguns jornais, porém, tiveram a delicadeza e a lealdade de noticiar o nosso aparecimento; foram poucos: o Jornal do Commercio, A Gazeta, cremos, e o Jornal do Brazil. (FLOREAL, 1907, p. 33-34)

Podemos observar que Lima leva em alto tom sarcástico a falta de sucesso na estreia de sua revista, elementos como desenhos e fotografias dos locais que representavam esse novo Rio de Janeiro que se formava eram cobrados como forma de chamar atenção do público, além disso, brinca com a recepção da grande imprensa, foi pouca ou quase nada.

Mais adiante, ainda no segundo volume, em uma sessão titulada como ‘Echos’, Lima segue ironizando a venda de pouco volumes, dessa vez, o autor volta a falar da ‘Caravana’, associação que tanto criticou no primeiro volume de Floreal. Lima então foi em busca de descobrir quem eram os ‘38 heróis’ que comparam os volumes, e acabou por descobrindo que haviam 3 membros da Caravana. Floreal era de uma revista marginal que tratava de assuntos que não interessava à elite letrada da época, ainda mais, que batia de frente com todos os costumes dessa elite:

E veio a curiosidade de saber quem eles eram...Foi esse trabalho difícil em que tivemos de empregar todo o nosso esforço, vencendo obstáculos formidáveis. E um a um fomos resolvendo aqueles 3 mistérios. Soubemos quem era o primeiro...Depois segundo, o terceiro, o quarto...Finalmente, o trigésimo terceiro, o trigésimo quarto, o trigésimo quinto!...Faltavam três...Quem seriam eles? Aí foram baldados os processos comuns de investigação. As maneiras e os recursos normais de inquérito falhavam completamente, e fomos obrigados a empregar os processos extraordinários. Lemos o Stuart Mill, o Bain, o Jevons...Procuramos entender Hegel, fomos á rua Benjamim Constant, consultamos o sr. Ferrero... Compramos Kant e fomos a sessões espíritas...Ousamos passar a menos de 10 metros da Academia Garnier... Embrenhamo-nos numa teia emaranhadíssima de cogitações, fizemos um raciocínio complicadíssimo que nos levaria páginas a expor aqui, e ficamos sabendo que os 3 – esses 3 que restavam - eram... Imaginem lá!... Caravana! A Floreal retira o que disse de ti no seu primeiro número o correspondente a esses mil e quinhentos réis! Caravana! Ser-te-á contado isso no teu ativo! Não se dirá mais de ti que não sabes senão comer banquetes e compor menus. Tem confiança, Caravana! No juízo final da História, em que pareces, ser-te-ão descontados mil e quinhentos réis (Rs.I\$500) de pecados e indigestões! (FLOREAL, 1907, p.35)

O jornalismo do período era cheio de ironias e brincadeiras, de acordo com Farias (2016) era costume a troca de farpas entre jornalistas, muitas vezes até como forma de chamar atenção de leitores, uma espécie de novela da vida real, uma atração a mais. O caso de Lima se diferenciava um pouco, realmente estava mantendo o costume porém por motivações distintas, realmente queria criticar e combater.

Além disso, a pouca venda era esperada pelo autor, além de fatores como pouco número de leitores existentes na época e da simplicidade de apresentação da revista, questões como a falta de interesse pelo tipo de proposta que Floreal vinha apresentando pesavam, Lima Barreto tinha consciência desse fato, podemos observar isso subentendido desde as primeiras linhas presentes no periódico.

Outro fato que nos chama atenção consiste na brincadeira com grandes escritores e filósofos, além de locais do Rio de Janeiro que representavam bem a boemia dourada, exaltando de forma sarcástica grandes ‘homens de letras’. Lima então finaliza o segundo volume prometendo não criticar já criticando, afirmando que não se dirá mais de tal sociedade além do que eles só sabem fazer, para o autor, tal sociedade não conseguia fazer nada, a preocupação com o povo era nula, suas manifestações artísticas eram descartadas e muita vezes até combatidas, o que sabiam fazer de fato consistia em dar grandes banquetes e escolher os menus.

No terceiro volume da Revista Floreal, nos deparamos, logo de início, com o segundo capítulo do primeiro romance publicado por Lima Barreto. Mais adiante, em uma sessão intitulada como ‘Literatura e arredores’, podemos encontrar mais uma crônica escrita por Lima Barreto que nos diz a respeito de outra obra escrita por Domingos Ribeiro Filho, o romance chamado *Cravo Vermelho*.

O romance, assim como o conto *Dia de amor*, escrito pelo mesmo autor, também tinha um caráter bastante libertário para época, coloca a tona em seu romance assuntos considerados tabus, trazendo também conceitos contrários ao cristianismo e ao regime político adotado na época.

Domingos apresenta em suas obras uma espécie de nova moral baseada em ideais anarquistas. Em o *Cravo Vermelho*, temos a história de um casal em que ambos cometem adultério. No início do século XX, tal ato era considerado criminoso, sendo as mulheres as maiores penalizadas tendo que cumprir três anos caso fosse considerada adúltera, já o homem, só cumpriria alguma pena caso mantivesse outro relacionamento estável. Ao comentar sobre o livro, Lima Barreto nos diz que:

Tal me parecem ser as qualidades e defeitos, no meu ponto de vista, do *Cravo Vermelho*, que me trouxe grande satisfação de ver condensadas em linhas de tipografia as ideias originais e inesperadas que Domingos vinha gastando nos cafés. E o público, se o ler, terá nele um grande motivo de alegria intelectual, por encontrar entre nós um autor tão próprio e tão diferencial. (FLOREAL, 1907, p.37)

Lima Barreto mais uma vez abre espaço em seu periódico, dessa vez comentando sobre a obra, para uma narrativa com ideias extremamente subversivas e que tem como tema principal o adultério, tema sempre presente no seu jornal, seja pelas obras de Domingos ou por crônicas escritas por outros colaboradores, como, por exemplo, Noronha Santos.

No quarto e último volume do Floreal, publicado em 12 de Dezembro de 1907, Lima Barreto realiza uma interessante crônica comentando uma novela do Sergipano Magalhães Carneiro, chamada Galdino Cupido, falando sobre suas impressões em relação à cultura e ao povo nordestino causadas através da leitura da obra, como podemos observar abaixo:

E porque a leitura da sua primeira novela, Galdino Cupido, fez-me condensar na ideia observações e notações de muitos a respeito desses singulares patricios do norte. Há neles uma antecipada e exagerada representação íntima de si mesmos e de certas realidades grandiosas - de sua força, de sua inteligência e saber, da glória e da verdade; e tocados por ela, agitam-se e movem-se para um grande alvo distante, resplandecente e ofuscante. Se inteligentes e ilustrados, são os grandes limites do pensamento para que tendem: as vastas sínteses e as reformas radicais das maneiras de ver e pensar. Comportam-se como se estivessem vindo ao mundo em missão, ungidos pela Divindade, para reformar, para concertar, para endireitar, e trazer a verdade e felicidade; são, como os russos, observou-me uma vez um amigo, uma gente messiânica. As inteligências oriundas desse amável pedaço da nossa terra, que tenho conhecido, sempre corroboram em mim essas observações de outrem. (FLOREAL, 1907, p. 43)

É interessante observarmos a maneira com que Lima, através de uma junção entre a obra e o que já ouviu falar a respeito do povo nordestino (tendo em vista que o autor nunca visitou nenhuma parte do Norte), reflete sobre o norte, caracterizando com vários adjetivos positivos, como um povo inteligente, representativo e missionário, o autor demonstra se identificar bastante tanto com a obra quanto com as riquezas culturais que preenchem a novela.

Outro fato a destacar é que o autor faz comparações entre o Norte e a Rússia, país que, o início do século XX viveu inúmeras transformações sociais que influenciaram todo o mundo e que se aproximava de uma das maiores revoluções já vistas, o amanuense admirava vários autores russos, entre eles, Dostoievski, pois, de acordo com Schwarz (2017) e, como pudemos ver em vários momentos de suas crônicas aqui apresentadas, ele

se identificava com autores que traziam a sociedade real para suas obras, apresentando suas injustiças, mazelas entre outras características.

O periódico se encerra com esse volume, Floreal durou apenas dois meses apresentando quatro volumes. Segundo Schwarcz (2017), estava difícil manter a revista, as vendas eram poucas e não cobriam aluguel, impressão entre outros gastos. Lima Barreto, sempre em tom de humor atingindo muitas vezes o auto escárnio, tinha consciência desde o início que conseguir leitores com uma revista tão marginal era uma tarefa quase que impossível.

Os quatro volumes de Floreal nos dão a oportunidade de conhecermos mais a respeito de um autor tão importante e singular na nossa literatura, o modo de escrita de Lima Barreto era revolucionário e militante, podemos observar, por meio das crônicas aqui analisadas, suas impressões a respeito de todo o cenário cultural que o cercava e, até mesmo ver o conceito do que seria literatura para o autor, como vimos no primeiro volume. Lima passa por vários assuntos como música, dança e literatura, sempre militante, sempre defendendo o que é do povo, agindo como um verdadeiro militante, em busca de manifestações que venham para unir e não para segregar.

Considerações finais

O jornal, como vimos, foi um suporte essencial para a literatura no país, podemos até mesmo afirmar que essa só começa a ser disseminada no território brasileiro junto a esse suporte. Mantendo uma relação bastante íntima com a imprensa jornalística, a literatura passa então a se moldar e a seguir o ritmo frenético da modernização, servindo então aos interesses da grande imprensa e tudo que havia por trás dela. Ir direto a fonte torna-se então tarefa importante na investigação literária, pois é um movimento que nos possibilita o conhecimento dos suportes primários de vários de nossos escritores e do início da difusão da nossa literatura.

Desse modo, ao realizarmos essa breve análise a respeito do ambiente cultural da República Velha no início do século XX, através do olhar de um jornal marginal de um dos escritores brasileiros mais militantes em relação às causas sociais, foi essencial para a compreensão do contexto em que nossa literatura se encontrava, valendo salientar que era ainda seu período de difusão.

Lima acreditava em uma literatura que servisse como instrumento de luta, procurava entender e valorizar as nossas raízes e nossas culturas, em busca de uma escrita que olhasse para o nosso povo e o seu jornal não poderia transmitir algo diferente. Para o autor, a arte significava libertação e união, e o rumo que ia tomando a maioria dos literatos e jornalistas muito o irritava, pois estavam indo exatamente na contramão, repetindo injustiças que consistem em fortes resquícios de costumes escravocratas e exploradores, desse modo, afirmando e disseminando pensamentos que mais segregavam do que uniam.

Ao lermos Floreal, constatamos que a segregação cultural ocorreu na mesma medida em que a urbana, a higienização que o Rio de Janeiro passou durante a República Velha se deu de forma física e ideológica. Ao longo de muitos anos, tudo que não fosse de origem europeia não tinha valor para a alta sociedade brasileira, os homens de letras juntamente com os grandes jornais disseminam essa cultura de valorizar apenas o que é do outro desde muito tempo.

Nos dias atuais, podemos perceber resquícios dessa cultura de valorização do que é do outro e negação do que é nosso. Esse fruto da escravidão juntamente com outros tipos de injustiças sociais ainda prevalece. Percebe-se que tudo aquilo que é alusivo à cultura do pobre, do negro, de quem está à margem, hoje, continua sendo excluída e tida como outra algo à parte, formando assim guetos de exclusões culturais.

A relevância do achado desse jornal e da discussão empreendida por Lima nele a respeito da cultura marginal nos mostra o quanto a nossa sociedade é formada em cima de exclusão, preconceitos e silenciamentos de falas que não representam os grupos privilegiados do país. Como afirma o historiador Jaques Le Goff, as mudanças econômicas na política apresentam resultados bem mais rápidos do que as mudanças na mentalidade. Como pudemos ver, a mentalidade de que tudo que é relativo a cultura da população considerada marginal ainda pode ser encontrada no pensamento das elites de hoje, aliás, pode ser bastante encontrada não só nas elites, mas até mesmo no pensamento da maioria da população.

O papel que os jornais tinham antigamente, hoje é dividido entre redes sociais que funcionam na internet e a imprensa televisiva. É necessário o reconhecimento de muitos avanços relacionados à liberdade de fala, porém a estigmatização e o espaço dado aos diferentes grupos ainda não é o mesmo e está a um longo caminho de ser.

Os resquícios da escravidão e de outros tipos de barbáries das mais diversas ordens ainda resistem fortemente na nossa cultura e, através de uma breve análise documental como aqui realizada podemos, além de compreendermos melhor tanto o cenário cultural-artístico da época quanto um dos mais conhecidos escritores brasileiros, compreendermos melhor os nosso contexto atual.

Floreal marca de fato a carreira de Lima Barreto como escritor, através das páginas do periódico o autor escolhe justamente um romance que fala sobre a imprensa da época para sua estreia. Tanto em Floreal quanto em Recordações do escrivão Isaías Caminha encontramos realidades bastante próximas, o ambiente que é denunciado no romance é o mesmo que é denunciado nas páginas da revista. O jornal contribuiu não apenas como forma de circulação da literatura, mas também por nos mostrar o pensamento de Lima, por meio da sua crônica cotidiana, sobre as questões que envolviam o ambiente cultural da época e os seus mecanismos de legitimação e de silenciamento.

Referências

- BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil 1900*. Ed. 4. Rio de Janeiro - RJ: José Olympio, 2004.
- BARBOSA, Francisco de Assis. In: *A vida de Lima Barreto*. Ed. 10. Rio de Janeiro - RJ: José Olympio, 2002.
- FARIAS, Virna Lucia Cunha. In: *Machado de Assis na imprensa do século XIX- Práticas, leitores e leituras*. Ed. 1. Jundiaí - SP: Paco Editorial, 2016.
- _____. Rio de Janeiro, Floreal, 1907.
- MARTINS, Luiza Ana; LUCA, Tania Regina (Org.s). In: *História da imprensa no Brasil*. Ed. 2. São Paulo - SP: Editora contexto, 2008.
- SCHWAECZ, Lilia Moritz. *Lima Barreto: Triste Visionário*. Ed. 1. São Paulo - SP: Companhia das Letras, 2017.
- SERVSCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. Ed. 2. Ver. Amp. São Paulo - SP: Companhia das Letras, 2003.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa do Brasil*. Ed. 4. São Paulo: Mauad, 1998.